

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Arqueologia 32

Data: 16/04/94 Pg.: A22

Achado leva a nova teoria da ocupação antiga da Amazônia

Arqueólogo mostra que há 8 mil anos, os moradores do sul do Pará já sabiam como lidar com a floresta

MARTHA SAN JUAN FRANÇA

A polêmica que divide os pesquisadores da pré-história da Amazônia ganhou novo alento com a publicação este mês do livro *O Tempo Arqueológico*, do arqueólogo Marcos Pereira Magalhães, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Magalhães coordenou o trabalho de escavações em grutas de Carajás, sul do Pará, onde foram encontrados vestígios humanos de cerca de 8 mil anos, mais ou menos a mesma datação obtida pela sua colega norte-americana Ana Roosevelt, curadora do Museu Field de História Natural de Chicago, em fragmentos de cerâmica escavados perto de Santarém, Pará.

O arqueólogo do Museu Goeldi também encontrou cacos de cerâmica, ainda não datados, nas grutas, mas principalmente lascas de quartzo, ametista (que não é original do lugar) e restos de fogueira, com espinhas de peixe e ossos de pequenos animais e cervídeos com idade calculada em 8 mil anos. Mas, ao contrário de Ana Roosevelt, ele não acredita que naquela região existiu uma sociedade complexa capaz de conter grandes aglomerados urbanos.

O arqueólogo brasileiro também descarta a teoria defendida há mais de 40 anos pela antropóloga Betty Meggers, do Instituto Smithsonian de Washington, de que culturas capazes de fazer objetos de cerâmica e de praticar a agricultura não poderiam se desenvolver no ambiente da floresta. Na sua opinião, há cerca de 5 mil anos (final do Pleistoceno e início do Holoceno), formou-se na Amazônia o que ele denominou de cultural neotro-

pical. "Os povos que habitavam a Amazônia nessa época tinham em comum a habilidade que lhes permitiu adaptar-se aos vários ambientes de uma maneira diferente daquela a que estamos acostumados", disse Magalhães em entrevista por telefone ao Estado.

Para ele, as teorias novas ou antigas que surgiram sobre a ocupação da Amazônia insistem numa hierarquização das diversas sociedades ali existentes, quando o que havia era um mosaico de ambientes e conseqüentemente uma organização social descentralizada que, se não fosse a influência dos colonizadores europeus, persistiria até hoje. "As culturas possíveis na Amazônia são biodiversificadas", afirmou Magalhães no livro, editado pelo museu com apoio da Companhia Vale do Rio Doce, que também patrocinou suas pesquisas. "Há caçadores-coletores, caboclos e até sociedades ceramistas como as que se desenvolveram em Tapajós e Marajó."

Magalhães não gosta de falar da

controvérsia sobre a antiguidade da ocupação das Américas (12 mil anos segundo alguns arqueólogos, mais de 40 mil, segundo outros). Em sua opinião, mais importante do que a época em que o homem chegou ao continente é a forma como ele se adaptou ao ambiente. Nesse sentido, ele considera suas descobertas no sítio de Carajás, principalmente na Gruta de Gavião, bastante significativas.

Segundo explicou, no período em que o homem habitava aquela região, o clima na Amazônia estava se modificando. A floresta existia em lugares mais úmidos e de altitudes elevadas com solo favorável, como o sítio de Carajás. Esses locais foram escolhidos pelos primeiros moradores da Amazônia. Só depois que a floresta se expandiu, o homem passou a habitar as margens dos rios, como o Tapajós.

ARQUEOLOGIA

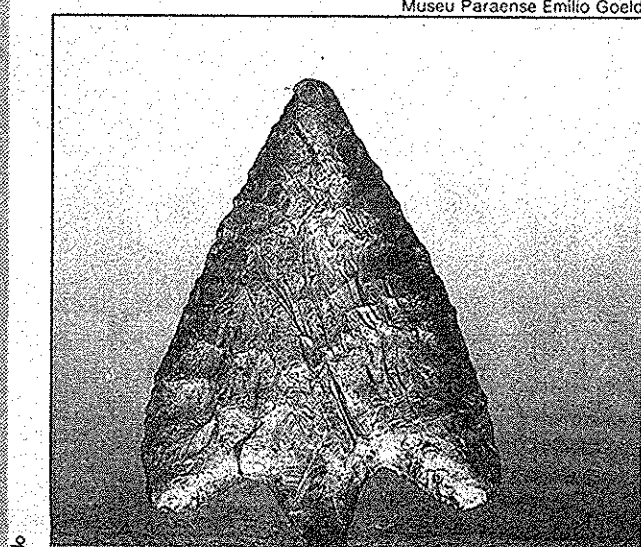
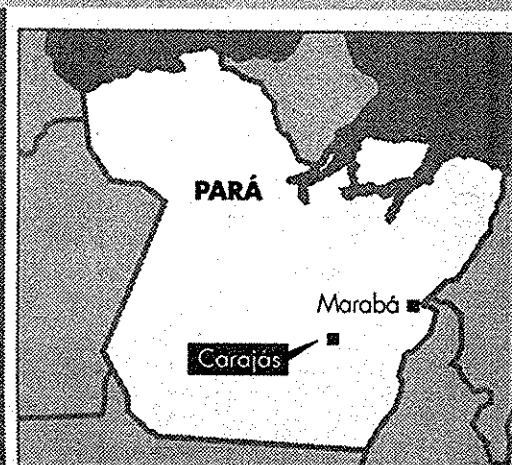
Museu Paraense Emílio Goeldi



Artefatos de Santarém: indícios de cultura avançada há milhares de anos na floresta amazônica

Museu Paraense Emílio Goeldi

O LOCAL DAS GRUTAS



Vestígios mostram presença de caçadores-coletores